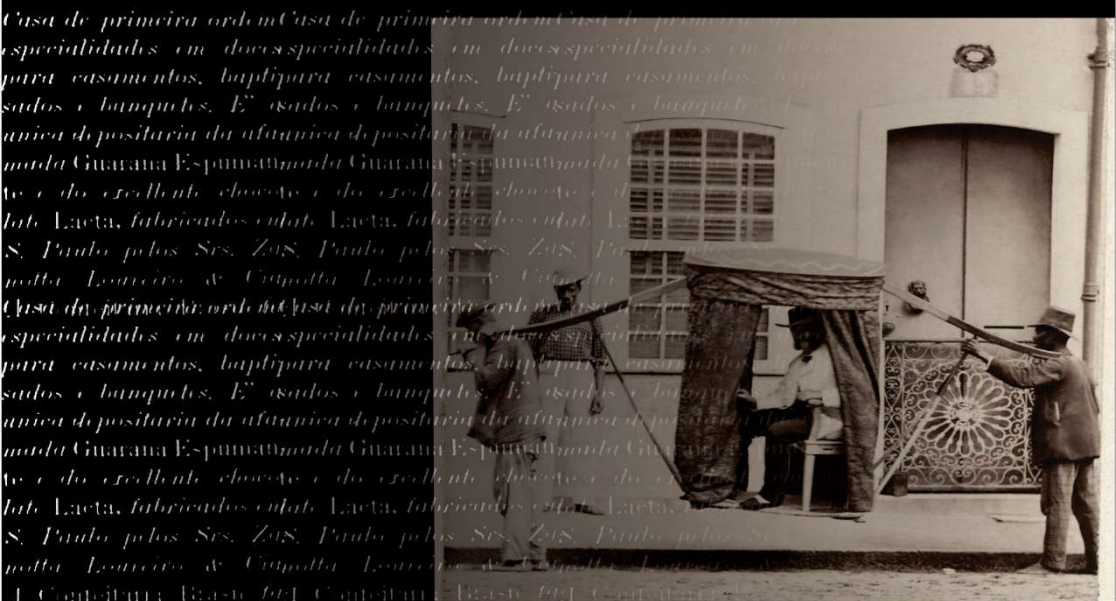




# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica



**Dossiê: História e Historiografia da Escravidão  
Negra no Brasil**



**Obra publicada pela Universidade  
Federal de Pelotas**

*Reitor*  
Pedro Rodrigues Curi Hallal  
*Vice-Reitor*

Luis Isaías Centeno do Amaral  
*Direção de Gabinetes da Reitoria*  
Paulo Roberto Ferreira Júnior  
*Pró-Reitora de Ensino*  
Maria de Fátima Cossio  
*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação*  
Flávio Fernando Demarco  
*Pró-Reitora de Extensão e Cultura*  
Francisca Ferreira Michelon  
*Pró-Reitor de Assuntos Estudantis*  
Mário Renato de Azevedo Jr.  
*Pró-Reitor Administrativo*  
Ricardo Hartlebem Peter  
*Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação*  
Julio Carlos Balzano de Mattos  
*Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento*  
Otávio Martins Peres  
*Pró-Reitor de Gestão de Pessoas*  
Sérgio Batista Christino

*Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial*  
*Pres. do Conselho Editorial:* João Luis Pereira Ourique  
*Repr. das Engenharias e Computação:* Darci Alberto Gatto  
*Repr. das Ciências Biológicas:* Flávio Roberto Mello Garcia e  
Marines Garcia (suplente)  
*Repr. das Ciências da Saúde:* Francisco Augusto Burkert Del  
Pino e Claiton Leoneti Lencina (suplente)  
*Repr. das Ciências Agrônomicas:* Cesar Valmor Rombaldi,  
Guilherme Albuquerque de Oliveira Cavalcanti (suplente)  
e Fabrício de Vargas Arigony Braga (suplente)  
*Repr. das Ciências Humanas:* Márcia Alves da Silva e Cláudio  
Baptista Carle (suplente)  
*Repr. das Ciências Sociais Aplicadas:* Carla Rodrigues Gastaud  
*Repr. das Linguagens e Artes:* Josias Percira da Silva e Eleonora  
Campos da Motta Santos (suplente)

*Instituto de Ciências Humanas*  
*Diretor:* Prof. Dr. Sebastião Peres  
*Vice-Diretora:* Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Ana  
Loner*

*Coordenadora:*  
Profª Dra. Lorena Almeida Gill  
*Membros do NDH:*  
Profª Dra. Lorena Almeida Gill  
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

*Técnico Administrativo:*  
Paulo Luiz Crizel Koschier

*História em Revista* – Publicação do Núcleo de  
Documentação Histórica

*Comissão Editorial:*  
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes  
Profª Dra. Lorena Almeida Gill

*Conselho Editorial:*

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)  
Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)  
Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPel)  
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)  
Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFMS)  
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)  
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)  
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)  
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos  
Aires).  
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

*Editores:* Jonas Moreira Vargas | Paulo Roberto Staudt  
Moreira | Caiuá Cardoso Al-Alam  
*Editoração e Capa:* Paulo Luiz Crizel Koschier  
*Capa:* Alberto Henschel, **Escravos transportando  
homem numa liteira.** Salvador, c.1869. Acervo Instituto  
Moreira Sales.

*Editora e Gráfica Universitária*

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |  
Fone/fax: (53)3227 8411  
e-mail: editora@ufpel.edu.br

*Edição:* 2018/2  
ISSN – 1516-2095

**Dados de catalogação na fonte:**  
Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de  
Documentação Histórica. Instituto de Ciências  
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.  
v.24/2, (mar. 2019). – Pelotas: Editora da  
UFPel, 2019.  
1v.

Semestral  
ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de  
Documentação Histórica. Instituto de Ciências  
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

**Indexada pela base de dados Worldcat  
Online Computer Library Center**

**UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas**  
Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770  
Fone: (53) 3284 3208 - <http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>  
e-mail: [ndh.ufpel@gmail.com](mailto:ndh.ufpel@gmail.com)

**\* Obra publicada em março de 2019**



Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo  
informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas  
contidas no presente volume.

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

INTRODUCTION

Jonas Moreira Vargas | Paulo Roberto Staudt Moreira | Caiuá  
Cardoso Al-Alam 05

### O 13 DE MAIO NOS RELATOS DO IMPRESSO NEGRO PELOTENSE A ALVORADA (1931-1935)

THE 13<sup>TH</sup> OF MAY IN THE REPORTS OF THE BLACK PELOTENSE'S  
PRINT A ALVORADA (1931-1935) 09  
Ângela Pereira Oliveira Balladares

### A ESCRAVIDÃO NO ARRAIAL DO TEJUCO (1731-1733): ENSAIO ACERCA DA DINÂMICA SOCIAL E HIERARQUIZAÇÃO, SOB A ÓTICA DOS REGISTROS BATISMAIS

SLAVERY IN THE ARRAIAL DO TEJUCO (1731-1733): ESSAY ON  
SOCIAL DYNAMICS AND HIERARCHY, FROM THE PERSPECTIVE OF  
BAPTISMAL REGISTERS 38  
Ane Caroline Câmara Pimenta | Elaine Leonara de Vargas Sodré

### MARGENS DE LIBERDADE: CONTROLE E AUTONOMIA NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DA ESCRAVIDÃO EM JAGUARÃO (1870-1888)

MARGINS OF FREEDOM: CONTROL AN AUTONOMY IN THE LAST  
DECADES OF SLAVERY IN JAGUARÃO (1870-1888) 65  
Matheus Batalha Bom

### DE EUZÉBIO ESCRAVO, FILHO DA PRETA NAGÔ ÂNGELA, A EUZÉBIO BARCELLOS LIBERTO: PROJETOS DE LIBERDADE NA COMUNIDADE ESCRAVA DO COMENDADOR CIPRIANO RODRIGUES BARCELLOS

OF EUZÉBIO SLAVE, SON OF BLACK NAGÔ ÂNGELA, TO EUZÉBIO  
BARCIELOS FREED SLAVE: DESIGNS OF FREEDON IN THE  
COMMUNITY SLAVE OF CENDER CIPRIANO RODRIGUES BARCELLOS 85  
Natália Garcia Pinto

**MANIPANÇOS, FEITIÇARIAS, ALCORÕES: AFRICANOS  
MUÇULMANOS NO BRASIL MERIDIONAL (PORTO ALEGRE,  
SÉCULO XIX)**

MANIPANÇOS, SORCERY, QURAN: MUSLIM AFRICANS IN SOUTHERN  
BRAZIL (PORTO ALEGRE, 19TH CENTURY)

Paulo Roberto Staudt Moreira 107

**ENTRE A PERMISSÃO E A PROIBIÇÃO: BATUQUES, DANÇAS E  
CONFLITOS NA CAPITANIA DE PERNAMBUCO DURANTE O  
SÉCULO XVIII**

BETWEEN PERMISSION AND BAN: BATUQUES, DANCES AND  
CONFLICTS IN PERNAMBUCO CAPTAINCY DURING THE EIGHTEENTH  
CENTURY

Josinaldo Sousa de Queiroz | Priscila Gusmão de Andrade 141

**“É UMA NEGRA FEITICEIRA, MULHER RUIM”:** RELAÇÕES DE  
GÊNERO, RAÇA E MASCULINIDADE. ANÁLISE DE UM PROCESSO-  
CRIME, 1918 (SANTA MARIA –RS)

"SHE IS A BLACK SORCERESS, A BAD WOMAN": RELATIONS OF  
GENDER, RACE AND MASCULINITY. ANALYSIS OF A CRIMINAL  
PROCESS, 1918 (SANTA MARIA -RS)

Lisiane Ribas Cruz | Priscilla Almaleh 163

**O PROTAGONISMO FEMININO NO CENTRO ABOLICIONISTA E  
NAS FESTAS DA ABOLIÇÃO EM PORTO ALEGRE (RS/ SEC. XIX)**

THE FEMALE PROTAGONISM ON ABOLITIONIST CENTER AND ON  
ABOLITION PARTIES IN PORTO ALEGRE (RS/ 19TH CENTURY)

Tuane Ludwig Dihl 192

## O 13 DE MAIO NOS RELATOS DO IMPRESSO NEGRO PELOTENSE A ALVORADA (1931-1935)

THE 13<sup>TH</sup> OF MAY IN THE REPORTS OF THE BLACK PELOTENSE'S PRINT A  
ALVORADA (1931-1935)

Ângela Pereira Oliveira Balladares<sup>1</sup>

---

**Resumo:** Esse texto foi construído pela influência teórica da história social, especialmente dos estudos do campo de emancipações e pós-abolição. Como fonte, utilizei o jornal negro *A Alvorada*, da cidade de Pelotas (ao sul do Rio Grande do Sul), publicado de 1907 a 1965. No entanto, foi feito um recorte entre os anos de 1931 a 1935. A população negra não deve em hipótese alguma ser entendida como um único grupo homogêneo, eles não partilhavam todos das mesmas ideias, há muitas divergências. Nesse sentido, o objetivo do estudo era buscar compreender alguns dos significados atribuídos ao 13 de maio por alguns homens negros letrados, em diálogo com a sua comunidade através da imprensa negra.

**Palavras-chave:** imprensa negra, liberdade, *A Alvorada*.

---

Esse estudo tem por cenário a cidade de Pelotas, localizada na região sul do Estado do Rio Grande do Sul, a 260 quilômetros de distância da capital, Porto Alegre, e cerca de 140 quilômetros da fronteira do Brasil com o Uruguai.

A cidade de Pelotas e sua região contam com a presença negra desde os primórdios de seu processo de formação (LONER, 2009). No entanto, essas pessoas foram bastante invisibilizadas, e ainda continuam sendo. A participação dos homens e mulheres negras que para cá foram trazidas geralmente só é lembrada no período da escravidão, me refiro aí ao censo comum criado em razão de uma historiografia elitista e das mídias, por exemplo. Essa construção deixa transparecer que, com o fim da escravidão, o negro teria desaparecido da região e que as suas contribuições locais se encontrariam, portanto, limitadas. Situação essa que tem sido transformada, ao menos no cenário acadêmico, em razão dos recentes estudos produzidos sobre Pelotas. Entre eles, por exemplo, Silva (2011 e 2018), Oliveira (2017), Silva (2017).

---

<sup>1</sup>Doutoranda em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PPGH-UFRGS, e-mail: angelapoliveira2@gmail.com

A presença negra nesse local é muito marcante e ainda carece de muitos estudos que permitam conhecer mais costumes, tradições, cotidiano, religiões, associativismo, festividades, enfim, a diversidade que provém desse povo.

Os estudos que dizem respeito à compreensão dos sujeitos simples, isto é, trabalhadores (as), pobres, indígenas, negros (as), quilombolas, camponeses, ribeirinhos, mulheres e LGBT's se fazem cada vez mais urgentes. Isso se deve a necessidade de conhecer melhor esses grupos e suas demandas. Trata-se de uma questão política, mas também social. A pesquisa teve por referencial teórico a história social, especialmente através dos estudos de emancipações e de pós-abolição. Segundo Hobsbawm (1998) trata-se da história da gente comum.

Desde o centenário da Abolição da escravatura, em 1988, os estudos historiográficos têm apontado para a atuação da população negra enquanto composta por sujeitos sociais, ou seja, protagonistas de suas histórias, mesmo durante a escravidão, demonstrando as diferentes formas de resistência por eles encontradas. Além das tradicionalmente conhecidas, tais como as fugas em massa para a formação de quilombos e os levantes com o uso de força física, houve também pequenas resistências cotidianas como, por exemplo, greves de fome e o boicote a produção do senhor.

Entre alguns dos estudos desenvolvidos por essa geração de pesquisadores que permitem repensar a resistência negra nas mais diversas formas, temos, por exemplo, Chalhoub (1990) e Slenes (1999). De forma bastante resumida, indico que o primeiro abordou alguns dos modos encontrados pelos cativos de interferir nos seus processos de venda. Enquanto o segundo autor, tratou a respeito da formação de famílias no cativeiro. Ambas questões, até então despercebidas pelos historiadores, uma vez que eles estavam mais preocupados em denunciar a crueldade do sistema escravista brasileiro e o mito da Democracia Racial.

Em diversas cidades cuja aglomeração de pessoas negras era significativa, ocorreu a elaboração da chamada imprensa negra, muitas vezes até com mais de um jornal, pois geralmente esses escritos eram de vida efêmera.

Tendo se iniciado no século XIX, a imprensa negra se expande muito no século XX. Na cidade de Pelotas houve a elaboração de um longo período negro, *A Alvorada*, que circulou do ano de 1907 ao ano de 1965, com diversas interrupções. Este jornal foi uma das formas de resistência e de luta na defesa de seus interesses, utilizados pela população negra. Através desse impresso é possível conhecer alguns aspectos da cotidianidade desses homens e mulheres negras, que viveram nessa cidade e região, no período em que o semanário circulou.

Entre os grupos negros existem diferentes percepções em torno da data de 13 de maio. Eles nunca foram homogêneos na maneira de pensar e muito menos no modo como perpetuaram as suas memórias. Assim, o objetivo central dessa pesquisa busca entender os significados atribuídos ao 13 de maio presente no impresso negro *A Alvorada* a fim de proporcionar ainda mais conhecimento sobre a história social do negro que se estabeleceu na região sul.

A pesquisa busca dar conta de problematizar a data de 13 de maio a partir da perspectiva de um determinado grupo de homens negros letrados. Nesse sentido, a ideia é de que esse estudo possa fomentar o debate em torno da liberdade negra, representado pelo 13 de maio, utilizando-se da escrita desses sujeitos, visibilizando interpretações e colocações.

Os escritos contidos nos cadernos de *A Alvorada* do ano de 1931 a 1935 serviram de fonte para esse estudo. Esse material está disponível para consulta no Centro de Documentação e Obras Valiosas da Biblioteca Pública Pelotense. Porém, de acordo com o objetivo da pesquisa, os cadernos mais utilizados foram os do mês de maio, momento em que se contactou maiores debates em torno do significado do 13 de maio. A escolha do período em questão se deu por diferentes razões, entre elas: pelo interesse da pesquisadora, pelo período histórico e seu contexto político e social e pela disponibilidade das fontes. “Compreender como o passado se converteu no presente nos ajuda a compreender o presente, e provavelmente algo do futuro” (HOBSBAWM, 1998, p. 230).

A fim de anunciar o meu lugar de fala, conforme uma demanda do feminismo negro (RIBEIRO, 2017), saliento que sou uma mulher, pesquisadora,

branca e que me identifico com grupos subalternos em função das minhas origens familiares. Meu intuito não é falar pela população negra, pois ela possui voz para falar por si. Meu tema de pesquisa tem o meu olhar e certamente seria diferente se realizado por uma pesquisadora negra (mais atenta a certos aspectos que por mim talvez passem despercebidos). Longe de dar voz aos homens negros e mulheres negras procuro me unir a eles e aprender o que eles têm a me ensinar.

Apesar de estar ciente de que a utilização do termo “negro (a)” acaba gerando uma falsa ideia de homogeneidade entre a população de tez escura, utilizo esse vocábulo, primeiramente, porque é assim que eles se autodeclaravam e, em respeito a eles, opto pelo termo acreditando que não há outro vocábulo que melhor sirva para denominá-los. No entanto, afirmo que não é possível generalizar opiniões, ideias e palavras escritas como sendo partilhadas por toda a população de tez escura. Em geral, as ideias que serão expostas nesse estudo partem de homens, que se afirmam negros, letrados, trabalhadores e militantes.

Em termos de organização, inicio o texto com uma exposição historiográfica, apresentando inicialmente uma breve cronologia da elaboração da imprensa. Também procurei esclarecer ao leitor o recorte espacial e cronológico além de demonstrar quais as influências teóricas que me levaram a pensar o tema da pesquisa.

A seguir, o texto adentra o seu foco, observar as diferentes percepções em torno do 13 de maio. Essa observação leva a compreensão das diferentes representações criadas em torno da data, sejam elas positivas ou negativas. Nesse sentido, o texto foi dividido em três tópicos. O primeiro é mais crítico ao marco, pois demonstra algumas das continuidades percebidas, no início da década de 1930, com o período da vigência da escravatura, mesmo após a assinatura da Lei Áurea, em 1888, no que diz respeito ao tratamento recebido pela população negra. O segundo trata das comemorações e das celebrações por conta do 13 de maio. Por fim, o último apresenta algumas pessoas enaltecidas nessa imprensa em função da data.

O debate em torno da temática está longe de se esgotar. No entanto, espero que sirva para fomentar novas discussões. Além disso, desejo que essa



pesquisa esteja à altura daqueles que enfrentam uma luta diária pelo simples fato de serem negros.

### **Diálogos em torno da imprensa**

Não tenho por objetivo realizar uma história pautada em datas e fatos, mas inicio esse estudo com uma cronologia a respeito do lançamento de jornais no Brasil, no Rio Grande do Sul e em Pelotas, afim de localizar temporalmente o leitor.

O ano de 1808 foi marcante na história do Brasil, pois com a chegada da corte e da família real portuguesa, a colônia passou por diversas transformações. Entre todas elas a que mais nos interessa nesse momento é aquela referente ao surgimento da imprensa brasileira (LUSTOSA, 2003; MOLINA, 2015). Anteriormente a essa data toda a atividade de imprensa era proibida no Brasil.

Nesse sentido, Hipólito José da Costa, elaborou o *Correio Brasiliense*, um jornal que tratava a respeito de assuntos do Brasil. Pelo fato de não ser permitida a edição de jornais em solo brasileiro, o *Correio Brasiliense* foi editado em Londres. Ainda assim é considerado o precursor da imprensa brasileira.

Outro jornal que disputaria a liderança da imprensa foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, elaborado depois da instalação da Imprensa Régia brasileira, na cidade do Rio de Janeiro. A Imprensa Régia seria a única a circular no Brasil até 1821. Ambos os periódicos foram elaborados no ano de 1808, com apenas alguns meses de diferença.

Durante muito tempo houve um debate historiográfico a respeito de qual dos dois impressos seria de fato o precursor da imprensa brasileira (BARBOSA, 2007; MARTINS E LUCA, 2008). Tal questão é apresentada por Pinto (2010) na introdução de seu livro, que foca na imprensa negra. Atualmente, o *Correio Brasiliense*, mesmo tendo sido editado fora do território brasileiro, é visto como aquele que iniciou a produção jornalística do Brasil.

No caso do Rio Grande do Sul, o *Diário de Porto Alegre* chegou às ruas

da cidade, capital da província, em 1827. Antes desse Estado sulino, para ter uma ideia, outros já contavam com impressos, entre eles: Bahia (1811), Pernambuco (1821), Maranhão (1821), Pará (1821), Minas Gerais (1821), Ceará (1824), Paraíba (1826) e São Paulo (1827). Na cidade de Pelotas, mais ao sul do Estado, cenário desse estudo, o primeiro impresso a circular foi *O Pelotense*, fundado em 1851, por Cândido Augusto Melo.

A imprensa do Rio Grande do Sul possui diversas características e especificidades, entre elas, por exemplo, está a de ter sido partidária. As disputas políticas do Estado, nesse período, eram marcadas pelas divergências entre liberais, conservadores e republicanos. Os jornais declaravam suas preferências se autodenominando porta-vozes de um dos dois grupos. Mas essa era apenas uma das tendências assumidas pelos impressos do Rio Grande do Sul (RÜDIGER, 2003).

Com o tempo, a produção jornalística sofreu uma segmentação, na qual seus impressos passaram a ser identificados de acordo com a autoria, o público e os objetivos buscados (PINTO, 2010). Uma dessas classificações da imprensa é aquela denominada de imprensa negra. Resumidamente, a imprensa negra é assim denominada por ser publicada por pessoas negras e possuir assuntos direcionados aos interesses dos mesmos (DOMINGUES, 2007).

No que se refere aos jornais de imprensa negra, *O Homem de cor* ou *O Mulato*, iniciou a sua edição em 1833, na cidade do Rio de Janeiro. O pasquim foi encabeçado pelo tipógrafo Francisco de Paula Brito (1809-1861), impressor e editor que atuou no Rio de Janeiro de 1831 a 1861. Ele era filho e neto de libertos e aprendiz da *Tipografia Nacional*. Em 1831 Paula Brito adquiriu seu próprio estabelecimento (GODOI, 2014).

No cenário do Rio Grande do Sul, a imprensa negra começa a ser produzido com *O Exemplo*, editado em 1892, na cidade de Porto Alegre (MÜLLER, 2013). Esse jornal surgiu da iniciativa de um grupo que, em sua maioria, era vinculado à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, ou seja, um grupo de homens que participava de outras formas de associação e que incorpora a elaboração de um jornal.

No imediato pós-abolição é possível acompanhar o aumento de

organizações e associações negras em todo o país (OLIVEIRA, 2016). Da mesma forma, a produção de imprensa negra também se expande.

Em 1907, seria a vez da cidade de Pelotas elaborar um periódico negro, com *A Alvorada*. Este jornal era propriedade dos irmãos Penny, Juvenal e Durval. Mas Juvenal acabou assumindo-o sozinho, pois seu irmão Durval se afastou para estudar medicina. Após anos na família Penny, em 1946, o jornal foi vendido para Rubens Lima, Carlos Torres e Armando Vargas (PERES, 2002).

*A Alvorada* foi pensada pelos irmãos Penny e por Rodolpho Xavier, ambos influenciados pelas ideias de Antônio Baobad. Rodolpho e Antônio eram irmãos e conheceram os Penny quando ambos frequentavam o curso noturno de alfabetização do primário, lecionado na Bibliotheca Pública Pelotense. No entanto, Antônio Baobad<sup>2</sup> não conseguiu acompanhar o andamento do periódico, pois acabou falecendo precocemente de tuberculose no mesmo ano em que *A Alvorada* foi lançada.

O semanário circulou até o ano de 1965 e é conhecido por ser um dos mais longos jornais negros que circularam na América Latina. *A Alvorada* saía aos domingos e podia ser adquirida através de compra nas bancas de jornal, nas barbearias ou no Mercado central e, também, por meio de assinatura (SILVA, 2011).

A cidade de Pelotas é marcada por ser “uma sociedade muito segmentada social e racialmente” (SANTOS, 2003, p. 20). Nesse sentido, *A Alvorada*, surge para dialogar com a população negra, construir pautas de luta e resistência e denunciar o preconceito contra o negro.

*A Alvorada* vem sendo utilizada como fonte em muitas pesquisas como, por exemplo, dissertações e monografias. Como parte dos jornais se encontra no acervo da Bibliotheca Pública da cidade de Pelotas, a sua consulta se tornou acessível aos pesquisadores locais. Entre os trabalhos que utilizam o jornal *A Alvorada*, se destaca o de Alves (2005). Esse trabalho aborda de maneira

---

<sup>2</sup> Antônio Baobad foi um líder operário, republicano e abolicionista que viveu no final do século XIX e início do XX. Um pouco de sua trajetória foi escrita por Loner (2005).

breve, por se tratar de uma monografia, um dos principais articulistas do *A Alvorada*, Rodolpho Xavier. A leitura desse trabalho possibilita entender um pouco sobre o modo de pensar do jornalista, levando ao entendimento de sua escrita no jornal.

Em *Raiou A Alvorada*, Santos abordou as “trajetórias daqueles que estiveram envolvidos com a fundação e manutenção do jornal, de 1907 a 1957” (SANTOS, 2003, p. 19). Trata-se de um estudo que mapeia para o leitor alguns dos debates promovidos pelo semanário, dando a quem nunca realizou uma leitura do material, um panorama de suas pautas, principalmente no segundo capítulo, no qual apresenta e trabalha de forma muito clara com o periódico. Santos (2003) é uma referência por ter sido um dos primeiros estudos a dar atenção a esta fonte. O autor possibilita a identificação de colunas, assuntos e campanhas promovidas pelo jornal.

Enquanto isso, Loner e Gill ao trabalharem numa perspectiva cultural, com os clubes carnavalescos negros da cidade, acabam destacando a relação existente entre eles e o *A Alvorada* (LONER, 2005a; GILL e LONER, 2006; LONER e GILL, 2009).

Outro estudo que fez uso d’*A Alvorada* como fonte foi o de Oliveira (2017). Em sua dissertação a autora buscou perceber as relações sociais a partir da racialização nas formas mais sutis por ela construída tanto social como culturalmente estabelecida. Intitulada de “A racialização nas entrelinhas da imprensa negra”, a pesquisa segue os passos do campo de estudos de emancipações e pós-abolição, ao colocar a raça como central para o entendimento das relações construídas pela população negra.

Muitas pesquisas já foram feitas com o uso dessas fontes, nos mais diferentes vieses<sup>3</sup>. Ainda assim, a imprensa negra no Estado do Rio Grande do

---

<sup>3</sup> A imprensa negra se desenvolveu em muitas cidades do país. Atualmente, muitas pesquisas nos permitem conhecer um pouco mais a respeito da produção desses periódicos. No entanto, nenhuma imprensa negra foi tão trabalhada como a que circulou na cidade de São Paulo. Isso se deve em parte a expressividade de periódicos desse gênero que lá circularam. Essa imprensa tem sido utilizada em pesquisas não apenas na área de história, como também, por exemplo, nas áreas de artes, de letras e de comunicação, entre outras.

Sul continua apresentando muitas possibilidades de estudo a respeito do protagonismo do negro na história sulina. Sem mencionar que é uma preciosa fonte que possibilita entender muitas questões sociais a que estavam condicionados estes sujeitos.

A seguir, busco localizar o leitor geograficamente e no campo de estudos historiográficos no qual a pesquisa se insere. Tendo por cenário a cidade de Pelotas, julguei necessário justificar a presença negra na região e a importância da fonte utilizada. Um periódico negro elaborado por eles para a sua comunidade. Nesse sentido acabei retomando a anos anteriores, com o uso da historiografia.

### **Pelotas e o pós-abolição**

A formação e o processo de ocupação do território referente à cidade de Pelotas remetem ao século XVIII. Localizada entre os arroios Pelotas e Santa Bárbara, a região foi inicialmente chamada de freguesia de São Francisco de Paula. Até o ano de 1830, Pelotas esteve vinculada a cidade de Rio Grande.

Em termos econômicos, Pelotas se expandiu em função da atividade charqueadora<sup>4</sup> ali estabelecida, graças ao expressivo rebanho bovino da região. Com o polo charqueador a cidade ganhou grande importância econômica e cultural, tal característica lhe rendeu o apelido de Princesa do Sul (MAGALHÃES, 2000).

Loner (2009) afirmou que a introdução do negro na região esteve vinculada a economia local que demandava mão de obra e, essa era essencialmente escravizada. No mesmo sentido, Pesavento (1989) demonstrou que a maior concentração de negros no Sul estava na região das charqueadas, o que não significa que eles se limitassem a esse espaço de trabalho.

Os cronistas e viajantes que visitaram a região Sul, entre eles, por exemplo, Auguste de Saint-Hilaire, registraram a presença de homens negros como peões e roceiros e de mulheres negras como domésticas. No entanto,

---

<sup>4</sup> Em relação às charqueadas, ver Gutierrez (2001) e Vargas (2016).

Sansone apontou que os escravizados eram “postos para trabalhar em várias atividades” (2002, p. 253). No espaço urbano eles desempenhavam atividades artesanais e biscates. Ao atuar como escravos de ganho eles podiam arrecadar pecúlio para a compra de suas alforrias ou alforriar as suas mulheres. A escravidão no Rio Grande do Sul esteve disseminada por todo o Estado.

Após a promulgação da Abolição da escravidão negra no Brasil a imensa maioria dos africanos e de seus descendentes permaneceu na região atuando como mão de obra no processo de industrialização. Loner (2005) destacou que a população negra era o maior grupo em disponibilidade para trabalhos braçais na cidade. Por essa razão, o operariado pelotense foi, em sua maioria, negro, e Pelotas passou a contar com uma grande concentração de afrodescendentes.

Em estudo sobre a região cafeeicultora, no centro oeste do país, Rios e Mattos (2004) observaram que boa parte dos trabalhadores negros ainda escravizados, pós-1888, consideraram vantagem permanecer na região em que eram conhecidos e que contavam com uma rede de parentes e amigos.

Loner (1998) constatou que Pelotas juntamente com Rio Grande, configurou-se no período da República Velha, no segundo polo industrial do Estado. E o operariado pelotense era constituído em sua maioria de pessoas negras, conforme outrora referido.

Para Dornelles (1998) muitas das profissões típicas do período escravista perpetuaram-se no pós-abolição. O pesquisador não foi o único a chegar a essa conclusão:

Com a Abolição, na República, muitos deles permaneceram na região, desenvolvendo as mesmas atividades que anteriormente nas charqueadas e também se empregando em fábricas, na construção civil e nos trabalhos do porto. Praticamente, eles eram encontrados em todo o tipo de trabalho manual, especialmente naqueles mais árduos e estafantes. (LONER, 2005, p. 02)

Ainda há muitos questionamentos em relação às especificidades da população negra no período pós-abolição. Em função disso há um campo de estudos que tem se dedicado a estudar o período que inicia em 1888, e não

possui delimitação cronológica final. Tais estudos entendem que a Abolição foi mal feita. Na compreensão da autora a abolição não foi uma ruptura e sim um processo com muitas continuidades. Nesse período é possível acompanhar a busca por direitos que lhes eram impossibilitados e a manutenção de continuidades de ideias em relação à população negra (RIOS E MATTOS, 2005). Um dos estudos clássicos para se compreender o pós-abolição como um período de análise específico, uma vez que apresenta as suas especificidades, é o de Cooper, Holt e Scott (2005). Nessa obra o principal problema do pós-abolição debatido pelos autores refere-se à compreensão e efetivação da cidadania.

As formas encontradas pela população negra, para sobreviver e resistir à opressão do sistema, foram as mais diversas, não apenas através de revoltas ou de fugas, como também nos pequenos enfrentamentos diários. Isso é o que os estudos do campo de emancipações e pós-abolição vem tentando demonstrar.

Com o pós-abolição a escravidão estava formalmente extinta, mas a desigualdade com que o negro havia sido tratado não terminaria em 1888, haja vista que, como aponta Cosentino (2010), a cultura escravista havia se enraizado na sociedade brasileira. O pensamento racista fez com que muitos negros fossem rejeitados nos espaços sociais, educacionais e de trabalho.

A chegada de imigrantes europeus passou a mesclar a formação do proletariado urbano com o contingente dos negros brasileiros. A imigração em massa de brancos fez diminuir a diferença estatística entre a população negra e branca de muitas cidades e do país. Cada região teve as suas especificidades.

A dura realidade com que se confrontaram logo após a Abolição, marcada pela exclusão, discriminação e falta de oportunidades. Mesmo assim, eles ampliaram os limites das possibilidades para sua classe, a operária e para a etnia negra. (LONER, 2005, p. 17)

Mesmo com todas as dificuldades pelas quais a população negra viveu e continuava vivendo seus membros sempre encontravam meios de serem protagonistas de suas histórias. A cidade de Pelotas, com fortes tradições escravistas, conservadoras e racistas foi cenário de muitas organizações negras,

entre elas, um jornal que não apenas dialogava com os seus, como também demonstrava aos demais as potencialidades e as reivindicações do negro pelotense.

O historiador Fraga Filho (2010) destacou que houve uma disputa em torno da memória da Abolição. E uma série de representações foram construídas em torno do dia 13 de maio. No pós-abolição, o nome foi empregado para identificar muitos espaços organizados pelas comunidades negras. Um exemplo é o clube cultural Treze de Maio, localizado na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, que hoje é um museu sobre a história do negro na cidade santa-mariense (ESCOBAR, 2010).

Assim, busquei dialogar com as comemorações e as representações em torno do 13 de maio que circularam na imprensa negra pelotense, através do jornal *A Alvorada*, de 1931 a 1935. Para isso, apresento algumas colocações que demonstram uma insatisfação por parte de alguns membros da imprensa em relação à situação vivenciada pela população negra pós-1888. A insatisfação desses jornalistas se manifesta na denúncia de continuidades e do preconceito vivenciado pelo negro. Em seguida trato das comemorações realizadas em função do 13 de maio e, por fim, abordo alguns dos nomes homenageados em função da data. Lembremos que a data foi acompanhada de muitas expectativas por parte da população negra. A libertação dos escravizados, embora tenha ocorrido de forma incompleta, não foi dada, foi uma liberdade conquistada (LARA, 1998).

### **Eis porque o 13 de maio não é uma data Festiva!**

A frase desse subtítulo foi retirada de um artigo publicado na *A Alvorada*. No texto, o autor criticou a situação econômica e social na qual o negro estava vivendo naquele período. Conforme exposto anteriormente, muitas esperanças foram depositadas no fim da escravatura. No entanto, em uma visão bastante pessimista da sua realidade, o autor do texto demonstrou que o 13 de maio não trouxe melhoras para a população negra. Ao contrário, segundo o autor, a condição de vida do negro se tornou ainda mais degradante, pois pós-1888 muitos teriam conhecido a miséria. De acordo com o texto:



Portanto, o antigo escravo ficou mais escravizado ainda. Teve de trabalhar para conseguir manter sua existência e de sua família, sendo remunerado parca e miseravelmente pelo seu explorador! Eis porque 13 de maio não é uma data festiva para a raça negra. Os negros, que foram um dos maiores fatores do progresso material e da riqueza econômica do Brasil, continuam, mesmo depois do decreto que os integrou na sociedade brasileira, a serem considerados uma “coisa” inferior, desprezível e que somente serve para criado de brancos... (A ALVORADA, 14/05/1933, p. 02)

Após a Abolição da escravatura, os “negros tornaram-se livres, mas não iguais” (GOMES; DOMINGUES, 2011, p. 74). De fato, não houve políticas públicas que visassem dar condições mínimas de subsistência para a população negra como ocorreu, por exemplo, no mesmo período com boa parte dos imigrantes europeus que vieram para o Brasil e aqui se estabeleceram<sup>5</sup>.

Em outro artigo, também é possível notar que a passagem do Império para a República e da escravidão para a liberdade é vista com o mesmo sentimento de continuidade.

Depois do célebre dia em que o conselheiro Dantas disse: “peço ao senado que se levante, fazendo alas a passagem da lei libertadora dos escravos, que é o maior acontecimento pátrio”. O povo já estava sobejamente ciente que a escravidão continuava um pouco atenuada e com este novo rótulo: - República.

O látigo foi substituído pelo trabalho excessivo; a malvadez pelo carrancismo policial; e a nenhuma liberdade de ser livre, pela pouca de se manifestar contra os potentados. (A ALVORADA, 07/05/1933, p. 06)

O jornal jamais negou que a data de 13 de maio fosse de extrema importância na história do negro. Afinal, juridicamente a escravidão havia sido

---

<sup>5</sup> A esse respeito ver Seyferth (2002) e Rosa (2014). Os dois autores demonstram como a imigração no Rio Grande do Sul foi escolhida e pautada no critério racial, nesse caso expresso pela cor. Além disso, eles demonstram as condições que foram oferecidas aos imigrantes e as barreiras impostas a população negra. Isso não significa que os imigrantes de modo geral não tiveram dificuldades no novo território, apenas demonstra que o tratamento condicionado a um grupo foi bem diferente daquele recebido por outro.

extinta. No entanto, tratava-se de um momento de extrema reflexão em torno das continuidades e das rupturas vivenciadas por eles ou pelas gerações anteriores que serviam para fomentar as suas organizações e as pautas de luta. Enfim, a data de 13 de maio servia também para se pensar principalmente sobre a liberdade negra.

No dia 14 de maio de 1933, *A Alvorada* publicou outro texto no qual é perceptível mais um significado atribuído ao 13 de maio:

Relembrar esta data é relembrar todo o martirólogo duma raça, que foi quase dizimada no período da escravidão – a raça africana.

Debaixo do azorrague do feitor de cafezais, ou sob o látigo do capataz de charqueadas, ou ainda, ajoujada as moendas de açúcar o negro passou por todas as infâmias e maus tratos superiores aos de Jesus na “via crucis” de seus sofrimentos! (A ALVORADA, 14/05/1933, p. 01)

Já no dia 19 de fevereiro de 1933, Rodolpho Xavier lembrou-se da educação como um problema que não havia sido resolvido mesmo com o fim do cativeiro. Disse ele: “quase duas gerações são passadas após o advento de 13 de maio; e o grau de instrução e de cultura da raça negra no Brasil, ainda muito tem a desejar” (A ALVORADA, 19/02/1933, p. 01).

Por fim, o último texto a ser exposto nesse item, inicia comemorando a assinatura da Lei Áurea, por ter libertado os negros que ainda encontravam-se cativos. No entanto, esse mesmo texto atenta para o fato de que a escravidão para o negro continuou e, nesse caso, o autor expressa que ela estaria manifestada através do preconceito.

Comemora-se hoje, em todo este Brasil grandioso, o dia inesquecível e verdadeiramente histórico, em que se promulgou a lei redentora e liberal, com a qual se libertava um povo inteiro, filho de uma raça gloriosa e civilizada. Os grilhões opressores, os cadeados que manietavam aqueles infelizes negros como se eles fossem animais ferozes, quebraram-se, abriram-se, ante a força irresistível da evolução, provocada pelas forjas humanas que construíram para a nação brasileira, o sol imenso e artificial da liberdade! Eis porque aparentemente somos livres e na realidade ainda achamo-nos escravos do preconceito. E tentam

os falsos cristãos, com o poder do ouro, escravizar agora mesmo, em plena época de liberalismo, a nossa própria consciência! (A ALVORADA, 13/05/1934, p. 01)

Esse trecho demonstra a liberdade cerceada na qual o negro passou a conviver no período pós-abolição. Ele também se presta a justificar todos os estudos históricos que tem apontado para o caráter incompleto da libertação da população negra. Trata-se de uma situação observada, vivenciada e denunciada pela própria população negra.

Todos esses textos escolhidos demonstram que a data de 13 de maio não era apenas um momento de festas e celebrações, mas que também era um momento de refletir e repensar muitos aspectos da vida social, econômica e política, tanto dos homens como das mulheres negras.

Entre os artigos que circularam nesse periódico, muitos destacaram mais as continuidades do que as rupturas após a data de 13 de maio. Mas essas não eram as únicas representações em torno da data, por isso o próximo item se detém às colocações positivas que fluíam na imprensa em função do marco do 13 de maio.

### Representações positivas em torno do 13 de maio

Conforme estava anunciada, realizou-se domingo último, no local previamente determinado, a sessão cívica social promovida pela novel e respeitável associação Frente Negra Pelotense, para comemorar-se a magna data de 13 de maio, cuja efeméride para os denodados frentenegrinos, tem uma dupla significação. (A ALVORADA, 20/05/1934, p. 01)

O trecho acima faz parte de uma descrição das atividades que foram realizadas em função das comemorações referentes ao dia 13 de maio, na cidade de Pelotas. A dupla significação da data mencionada no final da estrofe se expressa inicialmente pelo marco da Abolição e em segundo em função do aniversário de criação da *Frente Negra Pelotense*. Essas atividades organizadas pela *Frente Negra Pelotense* estavam inseridas em um programa de educação da população negra no qual *A Alvorada* também estava inserida. Entre a programação estavam palestras e discursos de importantes nomes para a

comunidade negra.

Após o discurso de Rodolpho Xavier no evento, o texto seguiu:

Sempre muito aplaudido o ilustrado jornalista que tanto honra a nossa raça, terminou a sua oração e declarou encerrada a tocante festa cívica, a qual compareceram os verdadeiros patriotas, que cultuarão sempre uma data imortal para os descendentes dos africanos que, alicerçaram a própria nacionalidade brasileira! (A ALVORADA, 20/05/1934, p. 01)

Nesse trecho é possível perceber a aceitação de Rodolpho Xavier como uma autoridade muito respeitável para a comunidade negra local. Além disso, o autor retoma a questão do nacionalismo negro e do patriotismo, muito enfatizado nos artigos desse semanário. O nacionalismo negro e a ênfase nesse sujeito como patriótico marca uma forma de reivindicação da cidadania negra.

Os estudos de emancipações e de pós-abolição tem demonstrado que a cidadania do negro brasileiro se deu de forma incompleta. Um exemplo dessas pesquisas é a que foi desenvolvida por Albuquerque (2009). Em *O Jogo da dissimulação* a autora utilizou-se de um mosaico de histórias e através delas demonstrou as dificuldades de lidar com o fim da escravidão. Somando-se a isso, a historiadora também apontou como a racialização articulou as relações da população negra (que levou a presença do racismo na vida do negro).

Aliás, uma obra que é uma das principais referências para se compreender o campo de estudos, (conforme mencionado outrora, COOPER; HOLT; SCOTT, 2005) aponta a percepção da cidadania do negro como diferente da cidadania do branco, e indica que esse é um problema geral da América escravista no cenário pós-abolição.

No ano de 1935, o Rotary Club de Pelotas prestou sua homenagem à data de 13 de maio, em jantar comemorativo no Grande Hotel. *A Alvorada* esteve presente e relatou o evento. A narrativa bem lembra uma ata pela forma descritiva com que foi apresentada. No artigo, que não se sabe se foi escrito por alguém vinculado ao Rotary Club ou ao jornal, estava justificado o motivo da celebração: “Dignifica o seu povo. Demonstra a índole e revela o espírito pacifista da nossa estirpe. Comemorar a extinção da escravatura é ressaltar os

sentimentos cívicos de nosso povo” (A ALVORADA, 26/05/1935, p. 02).

Essa não foi a única comemoração que a cidade de Pelotas viveu em 13 de maio de 1935. “As sociedades prestavam continência a grande e magna data deixando tremular, flamantes em suas sedes os seus vitoriosos pavilhões sociais” (A ALVORADA, 26/05/1935 p. 01). Juntamente com a Frente Negra Pelotense, também festejaram os clubes culturais Chove e não molha, Está tudo certo e Fica alí pra ir dizendo, a Sociedade Recreativa Depois da Chuva e o Esporte Clube Juvenil. Mas Pelotas não era a única cidade que comemorava a data, conforme relatou A Alvorada:

Vibrantes e entusiásticas foram as comemorações que se realizaram em Pelotas, e quiçá, em todo Brasil, na gloriosa data de 13 de maio. De todas as partes do país, chegaram-nos notícias de que se revestiram de grande brilhantismo as solenidades em homenagem a data da Abolição da escravatura.

Imponentes manifestações, grandiosos comícios cívicos, pomposas sessões solenes, realizou-se por ai afora, numa demonstração expressiva do sentimento de brasilidade do nosso povo. (A ALVORADA, 26/05/1935, p. 01)

Novamente, o nacionalismo foi acionado. Segundo eles, comemorar a data de 13 de maio era um ato de patriotismo. No entanto, entre todas as festividades, um ato em especial agradou-os mais. De acordo com o jornal:

Tocante e verdadeiramente digno de nota, foi o gesto patriótico da egrégia Câmara Municipal do Distrito Federal, decretando feriado, o dia 13 de maio. O povo etiópico do Brasil vibrou, com essa notícia, porque o dia da abolição da escravatura é para nós, negros, uma data sagrada, assim como representa para o povo em geral do Brasil, o dia da fraternidade brasileira! (A ALVORADA, 26/05/1935, p. 01)

A exaltação da data por parte do periódico teve continuidade no texto:

Dia 13 de maio! No horizonte, um sol igual ao do domingo 13 de maio de 1888 surgia soberano esplendente e espalhando pelo Brasil os raios auríferos da liberdade! A manhã maravilhosa encontrou o povo etiópico de Pelotas, cantando a glória da sua raça, e entoando o hino sagrado da libertação! Os

lares, dos descendentes da raça de Patrocínio, estavam em festa.  
(A ALVORADA, 26/05/1935, p. 01)

Nesse mesmo ano, *A Alvorada* também frisou a grandiosa homenagem ao dia 13 de maio, veiculada nas páginas do jornal *Diário Popular*. Eles apontaram orgulhosamente que a homenagem rendeu mais de uma página. No entanto, anos antes, *A Alvorada* cobrava que as próprias organizações negras fizessem mais atividades para os seus membros, em momentos significativos para a população negra. Nesse caso, não apenas no dia 13 de maio ou referente a ele, conforme é perceptível no trecho abaixo:

Apelamos dessas colunas para os diretores de sociedades recreativas, de cordões e de esportes da raça negra de Pelotas, de Jaguarão e Cacimbinhas a concretizar este apelo dentro de suas sedes e possibilidades pelo ideal – instrução e cultura – promovendo conferências, em datas respectivas, que digam respeito à Lei de 28 de setembro, a de 13 de maio, a campanha abolicionista e aos vultos representativos da raça nas armas, nas letras e nas artes e bem assim dos fastos principais da história-pátria. (A ALVORADA, 26/03/1933, p. 01, grifo do autor)

A Lei de 28 de setembro a qual o autor se refere foi assinada em 1871 e ficou conhecida como Lei do Ventre Livre (PERUSSATTO, 2010). A partir dessa data, os filhos das escravas nasciam *ingênuos*, isto é, eles não eram mais considerados escravizados, porém permaneciam com o senhor até completarem 8 anos. Tratava-se de mais um status jurídico criado durante a escravidão. A Lei do Ventre Livre foi assinada em função da pressão dos movimentos sociais, tais como os abolicionistas. Essa era uma demanda da população negra e que foi conquistada por ela.

Zubaran (2008, p. 162) ao analisar as comemorações pela liberdade negra no jornal *O Exemplo*, de Porto Alegre, observou que as datas de 28 de setembro e de 13 de maio serviam para a “construção de uma memória coletiva negra e para fundamentar um sentimento de pertencimento”. Para a autora, comemorar a data era uma forma de reafirmar um compromisso com a liberdade e com a igualdade de direitos.

Em meio às comemorações em torno do dia 13 de maio, alguns nomes eram lembrados pela *A Alvorada*, conforme se destaca a seguir.

### **Enaltecendo os vultos do 13 de maio**

Rodolpho Xavier, em 14 de maio de 1933, escreveu para *A Alvorada*, na capa, como era o seu espaço de costume. Em sua crônica que tratava a respeito do 13 de maio, o jornalista usou de seu espaço em defesa do imperador D. Pedro II, disse ele:

Increpa-se a Pedro II o título de escravocrata; mas o Brasil não teve, talvez, brasileiro que mais se condoesse da sorte dos escravos do que o Imperador que arcando contra os interesses escravagistas perdeu o trono pela Redenção dos mesmos. (A ALVORADA, 14/05/1933, p. 01)

Ainda em relação ao imperador, seguiu relatando em suas linhas:

Desde 1866 que Pedro II por intermédio de Pimenta Bueno, queria a emancipação dos escravos; mas os liames que lhe tolhiam a ação dentro da Carta Constitucional, restringindo-lhe as iniciativas, obrigaram-lhe a resignar-se e como principal vítima expiar a indecisão de seus atos. (A ALVORADA, 14/05/1933, p. 01)

Além de D. Pedro II, outra figura monárquica que esteve presente nesta crônica de Rodolpho Xavier foi a Princesa Isabel. Ao se referir a monarca, Rodolpho Xavier utilizou-se do termo “Isabel a Redentora”.

A mocidade negra – netos e bisnetos dos mártires africanos – deve como Patrocínio, ajoelhar-se não aos pés de Isabel, a Redentora, mas ante a augusta memória da falange de abolicionistas que prepararam o advento da Liberdade do negro no Brasil. (A ALVORADA, 14/05/1933, p. 01)

Nesse trecho, Rodolpho Xavier demonstrou a sua opinião sobre quem deveria receber o protagonismo pela abolição da escravidão. Apesar de escrever em um jornal negro, cujo principal leitor era a comunidade negra, o jornalista não era lido apenas pelos seus, por ser um órgão de imprensa os demais letrados da cidade também o acessavam.

No dia 13 de maio de 1934, em um dos artigos presentes na edição especial da *A Alvorada*, geralmente um caderno bem maior que os demais que circulavam ao longo do ano, o autor, usando o codinome de Zumbi, festejou a data. Ele também colocou em seu relato, no mesmo patamar de importância,

alguns abolicionistas e a princesa. Escreveu ele: “Por todos estes fatos três vultos eu destaco como sinceros baluartes da liberdade irrestrita. José do Patrocínio, Rio Branco e Isabel!” (A ALVORADA, 13/05/1934, p. 01).

No entanto, ninguém foi mais enaltecido nas edições da A Alvorada, especiais de 13 de maio, ou nos demais cadernos do semanário, do que os abolicionistas. No dia 07 de maio de 1933, outros foram os lembrados: “Os nomes aureolados de Rio Branco, Nabuco, Patrocínio, afloram em todas as bocas justificando plena satisfação, pleno regozijo” (A ALVORADA, 07/05/1933, p. 06). Aquele que foi mais citado nos anos pesquisados, de 1931 a 1935, foi José do Patrocínio<sup>6</sup>.

Observemos o trecho a seguir:

Quando a 13 de maio de 1888 um grupo de brasileiros verdadeiramente patriarcas, polarizou a sua campanha em prol da extinção do cativo de negros do Brasil, recebendo das mãos fidalgas de D. Izabel a lei Áurea que riscava do céu da pátria a mais negra nódoa que jamais toldou as páginas da nossa história, sem dúvida transbordava na alma dos imortais abolicionistas que formavam aquele grupo, a confortadora certeza de que aquela gente humilhada ao extremo, vergada ao peso das botas dos escravocratas pegando com mais degradante dos cativos o grande crime de ter nascido negro, que aquela gente, cortado os grilhões que lhe prendiam a uma coluna de sofrimento, dores e baixezas houvera de erguer sobre as ruínas do seu cativo o monumento gigantesco de uma raça ativa, de raça consistente, de uma raça nobre, imortalizando em todos os desdobramentos da sua atividade e do seu sentimentalismo a memória aurifulgente do negro redivivo José do Patrocínio, que alguém com muita justiça chamou "o tigre da Abolição". (A ALVORADA, 05/05/1932, p. 06)

O texto faz uma crítica à opressão sofrida pelo negro enquanto escravizado e demonstra o quanto cruel e preconceituoso foi esse sistema que

---

<sup>6</sup> José do Patrocínio foi um ativista político brasileiro que atuou no movimento republicano e abolicionista. Por conta desse último ganhou grande papel de destaque. Patrocínio era filho de uma escrava mina, mas viveu sua vida como liberto. Aos quatorze anos de idade ele se muda para o Rio de Janeiro onde viria a estudar e construir a sua carreira.



oprimiu o negro ao apontar que o seu único crime foi o de ter nascido com a pele escura. Além disso, o autor demonstra a exaltação do patriotismo vinculando-o à luta pela Abolição da escravatura. E novamente, a figura de Patrocínio é referenciada.

A importância de Patrocínio era tão expressiva para *A Alvorada* que em outro momento circulou em suas páginas: “a república é nossa, porque ela é o resultado do 13 de maio, e quem fez o 13 de maio foi o genial negro José do Patrocínio” (A ALVORADA, 06/03/1932, p. 01). A ausência do abolicionista também foi sentida pelos articulistas do jornal que mencionaram: “É preciso que o Negro se imponha. A raça de Patrocínio ainda precisava dele. Mas ele ainda vive pela sua obra imortal, e a nós compete aproveitá-la em seus ensinamentos” (A ALVORADA, 23/04/1933, p. 04).

O dia 13 de maio também era um momento de homenagear os antepassados, conforme destacou o periódico: “às vésperas de 13 de maio, em toscas linhas, rendemos pálida homenagem aos nossos avós” (A ALVORADA, 12/05/1935, p. 02).

Entrando então, no tema de sua oração, o jovem professor, com clareza e arroubos oratórios, começou a deleitar aos ouvintes, ávidos de suas palavras vibrantes, dissertando sobre as diversas escravidões conhecidas no mundo, desde os tempos mais remotos, demonstrando que não só os originários da raça preta foram escravizados, mas também os elementos oriundos de outras raças. Abordando importantes fatos históricos, o orador foi seguidamente interrompido com entusiasmados aplausos da assistência. Aludindo aos vultos da Abolição, o orador glorificou os aureolados nomes de Patrocínio, Rio Branco, Bocaíuva, e outros, e fazendo justiça elevou a augusta memória de D. Pedro II, que logo ao assumir o trono imperial, libertou todos os seus escravos e defendeu a economia nacional, razão porque foi mal compreendido, e tido como adversário da Abolição. E isto é explicável, pelo fato da economia brasileira naquele tempo, se equilibrar toda, no braço do escravo negro. (A ALVORADA, 20/05/1934, p. 01)

Mais uma vez a figura de D. Pedro II foi exaltada nos escritos do periódico. Uma hipótese para tal é que como se criou muitas expectativas em relação à República que não foram atendidas, o período anterior, representado

na figura do imperador, passou a ser motivo de veneração. Essa hipótese foi pensada com base na observação da exaltação e da esperança depositada no governo Vargas em início de 1930 que acabou sendo criticado nos anos seguintes, na medida em que o governo não correspondeu ao que se esperava dele.

Uma crônica escrita por Rodolpho Xavier trouxe o nome de vários homens negros que era motivo de orgulho para a raça negra. Eles foram lembrados no intuito de valorizar a gente preta.

Não temos do que nos envergonhar de nossa origem, porque podemos e devemos nos orgulhar de um passado em que tanto nas artes como nas letras e nas armas, tivemos um mestre Valentim, Aleijadinho e o padre Maurício, Tobias Barreto e Machado de Assis e Henrique Dias cognominado o Scevola brasileiro!

Estadista como Cotegipe, poetas como Cruz e Souza, tribunos como Patrocínio, engenheiros como Rebouças aí estão confundindo etnólogos de fancaria sobre a inferioridade racial que nos emprestam. (A ALVORADA, 21/01/1934, p. 01)

Enfim, esses nomes aqui destacados como vultos, foram lembrados como forma de homenagem, mas também porque de alguma maneira serviram de exemplo para a comunidade negra. Lembrar a figura do Imperador ou a da Princesa Isabel não confere a eles maior importância na luta pela liberdade da população negra do que a delegada aos abolicionistas ou mesmo aos tantos homens e mulheres anônimos que de alguma forma contribuíram para que a abolição da escravidão finalmente se desse no Brasil. O intuito de destacar esses vultos foi de trazer a conhecimento do leitor que o dia de 13 de maio também foi um momento de homenagens. Porém, como é possível observar no trecho da crônica transcrita acima, os nomes de “grandes” homens negros eram lembrados e exaltados pela *A Alvorada*, independentemente da data.

### **Considerações finais**

Como mencionado, o dia 13 de maio foi comemorado pela população negra, no imediato pós-abolição, conforme demonstra os relatos presentes no impresso *A Alvorada*. No entanto, mesmo com a abolição em 13 de maio de 1888 as lutas negras em prol da liberdade e de direitos iguais continuaram. Apesar de celebrar o dia 13 de maio eles marcaram que estavam cientes de que muitas continuidades se perpetuavam na sociedade e que a situação vivenciada pela população negra ainda deixava muito a desejar.

Ao utilizar como principal fonte de pesquisa as escritas elaboradas para o jornal *A Alvorada*, busquei compreender quais eram as lógicas conferidas pelos próprios sujeitos, conforme tem alertado Gomes (2005), ao mesmo tempo em que tentei dialogar com o contexto no qual eles estavam inseridos.

Novamente, destaco que não há e nunca houve homogeneidade na maneira de pensar da população negra. Nessa pesquisa em questão, as ideias que foram expostas pertenciam a um grupo em específico. Tratava-se de homens negros, letrados, trabalhadores, militantes, com experiência organizativa e que compunham um grupo dedicado à elaboração de um impresso para a sua comunidade. Eles atuaram como jornalistas, ao mesmo tempo em que não dependiam dessa atividade para a sua subsistência.

Tanto a historiografia como a literatura contribuiu para a retirada do protagonismo do negro na luta pela sua liberdade (geralmente, apenas três nomes de negros abolicionistas são lembrados: José do Patrocínio, André Rebouças e Luís Gama). O destaque acabou ficando, especialmente, entre os abolicionistas brancos e na figura da Princesa Isabel.

A abolição da escravatura não resolveu todos os problemas vivenciados pela população negra durante a vigência da escravidão. Nascimento (2013), em discurso no Senado problematizou a data da Abolição, apontando para o seu caráter incompleto e mal feito. Ele reivindicou a necessidade de se fazer outra Abolição, que enfim pudesse romper com os antigos paradigmas. Para ele a data não passava de uma mentira cívica.

Na medida em que os negros não passaram a ser tratados com a

igualdade na qual acreditavam ter alcançado após a data de 13 de maio, esse, começava a ser questionado enquanto marco da liberdade negra. E esse questionamento, como a pesquisa buscou demonstrar já estava sendo pautado em meados da década de 1930. Atualmente, os movimentos sociais negros reivindicam como uma data comemorativa, o 20 de novembro, celebrando a figura de Zumbi dos Palmares e a consciência negra (SILVA; SILVÉRIO, 2003). O dia 13 de maio foi aos poucos sendo repensado ganhando outros significados. Não se trata de menosprezar o esforço daqueles que lutaram em prol do fim da escravidão, mas um processo histórico que responde a uma demanda de mais visibilidade e valorização do protagonismo negro, que foi esvaziado do 13 de maio por uma historiografia seletiva, eurocêntrica e branca.

Enfim, encerro esse estudo destacando que ainda há muito para se desconstruir nas representações sobre a população negra no Brasil.

## Fontes

Jornal *A Alvorada*. Centro de Documentação e Obras Valiosas da Biblioteca Pública Municipal de Pelotas. 1931-1935.

## Referências bibliográficas

AL-ALAM, Caiuá Cardoso. Pelotas na primeira metade do século XIX: uma cidade que a historiografia rotulou ou esqueceu. In: Anais do 3º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Florianópolis: UFSC, 2007. P. 01-17.

<  
<http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/imagens/Textos3/caiua%20cardoso.pdf> > Acesso em: 10 março 2018.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALVES, Lucio Xavier. Rodolfo Xavier: uma intelectualidade na organização sindical e na luta dos negros em Pelotas (1931-1935). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, *Monografia* (Licenciatura em História), 2005.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*. Brasil 1900-2000. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2007.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade*. Uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

COSENTINO, Daniel do Val. La transición del trabajo esclavo para el trabajo libre y las raíces de las desigualdades sociales en Brasil. In: II Congreso Latinoamericano de Historia Económica, 2010, Cidade do México. Anais do II Congreso Latinoamericano de Historia Económica, 2010. Versão em português disponível em:  
[http://www.economia.unam.mx/cladhe/registro/ponencias/448\\_abstract.pdf](http://www.economia.unam.mx/cladhe/registro/ponencias/448_abstract.pdf)  
 aceso em junho de 2013.

COOPER, Frederick; HOLT, Thomas C.; SCOTT, Rebecca. *Além da Escravidão*. Investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DOMINGUES, Petrônio. *A nova abolição*. São Paulo: Selo negro, 2008.

\_\_\_\_\_. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo* [online]. v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. <



<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07> > Acesso em: 05 janeiro 2016.

DORNELLES, J. B. Profissões exercidas pelos negros em Pelotas (1905-1910). *História em Revista*. Pelotas, 1998, v. 4, p. 95-138.

ESCOBAR, Giane Vargas. Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. *Dissertação de Mestrado* (Patrimônio Cultural). Santa Maria: UFSM, 2010.

FRAGA FILHO, Walter. O 13 de maio e as celebrações da liberdade, Bahia, 1888-1893. *História social*. n. 19, segundo semestre de 2010, p. 63-90. < <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/316> > Acesso em: 05 fevereiro de 2018.

GILL, Lorena Almeida; LONER, Beatriz Ana. Mulher, Carnaval e etnia negra em Pelotas: muito além do samba. Comunicação apresentada no Seminário Internacional Fazendo Gênero 7 – UFSC, 2006, SC, p. 01-07.

GODOI, Rodrigo Camargo de. Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861). *Tese de Doutorado*. Campinas, UNICAMP, 2014.

GOMES, Flávio dos Santos. *Negros e política* (1888-1937). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_; DOMINGUES, Petrônio (orgs.). *Experiências da Emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição* (1890-1980). São Paulo: Selo Negro, 2011.

GUTIERREZ, Ester J. B. *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. 2 ed. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2001.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

LARA, Sílvia Hunold. Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil. *Projeto História*. São Paulo: EDIC, 1998, n. 16 fev., p. 25-38.

LONER, Beatriz Ana. A rede associativa negra em Pelotas e Rio Grande. In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos. *RS negro: Cartografias sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 246-261.

\_\_\_\_\_. Antônio: de Oliveira a Baobad. In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (Org.). *Experiências da emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição* (1890-1980). São Paulo: Selo Negro, 2011, p. 109-136.

\_\_\_\_\_. As frentes sindicais do interior e a Força na década de 30. *Métis: história e cultura*. 2005, v.04, n.07, p.145-168.

\_\_\_\_\_. Classe, etnia e moralidade: estudo de clubes negros. Comunicação apresentada no XXIII Simpósio Nacional de História – ANPUH, julho 2005a, Londrina. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/?p=15315> acesso em março de 2015.

\_\_\_\_\_. Jornais pelotenses diários na República Velha. *Ecos Revista*. Pelotas, abril/1998, n. 2, v. 1, p. 05-34.

\_\_\_\_\_; GILL, Lorena Almeida. Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 145-162, jan./jun. 2009.

< [revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/5798](http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/5798) > Acesso em: 04 agosto 2016.

LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Pelotas: toda a prosa*. 1º volume. Pelotas: Editora Armazém Literário, 2000.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MOLINA, Matias. *A história dos jornais no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

MÜLLER, Liane Susan. *As contas do meu rosário são balas de artilharia*. Porto Alegre: Pragmatha, 2013.

NASCIMENTO, Abdias do. 13 de maio uma mentira cívica. In: *Geledés – Instituto da mulher negra*. 2013. <https://www.geledes.org.br/abdias-nascimento-13-de-maio-uma-mentira-civica-2/> Acesso em: 04 dezembro 2017.

OLIVEIRA, Ângela Pereira. A racialização nas entrelinhas da imprensa negra: o caso O Exemplo e A Alvorada – 1920-1935. *Dissertação de Mestrado* (História). Pelotas: UFPEL, 2017.

OLIVEIRA, Franciele Rocha de. *Moreno rei dos astros a brilhar, querida União Familiar*: trajetória e memórias do clube negro fundado em Santa Maria, no pós-abolição. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2016.

PERES, Eliane. *"Templo de Luz": os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875 – 1915)*. Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

PERUSSATTO, Melina Kleinert. Como se de ventre livre nascesse: experiências de cativo, parentesco, emancipação e liberdade nos derradeiros anos da escravidão. Rio Pardo/RS, c.1860-c.1888. *Dissertação de mestrado* (História). São Leopoldo: UNISINOS, 2010.

PESAVENTO, S. J. Trabalho livre e ordem burguesa: Rio Grande do Sul – 1870-1900. *Revista História*. São Paulo, 1989. n. 120, p. 135-151. < [www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18598](http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18598) > Acesso em: 05 setembro 2017.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa negra no Brasil do século XIX*. São Paulo: Selo negro, 2010. Coleção Consciência em debate.

RIOS, Ana Maria Lugão; MATTOS, Hebe Maria. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. *Topoi*. 2004, v. 5, n. 8, p. 170-198. < [http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/Topoi08/topoi8a5.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi08/topoi8a5.pdf) > Acesso em: 05 novembro 2017.

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. Além da invisibilidade: história social do racismo em porto alegre durante o pós-abolição (1884-1918). *Tese de Doutorado* (História Social). Campinas: UNICAMP, 2014.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. 3 ed.

SANSONE, Livio. Da África Ao Afro: uso e abuso da África entre os intelectuais e na cultura popular brasileira durante o século XX. *Revista Afro-Ásia*, 2002, n. 27, p. 249-269. < <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21038> > Acesso em: 12 março 2017.

SANTOS, José Antônio dos. *Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957)*. Pelotas. Ed. Universitária, 2003, v. 7.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 117-149, março/maio 2002. < <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33192> > Acesso em: 10 novembro 2016.

SILVA, Fernanda Oliveira da. As lutas políticas nos clubes negros: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguai no pós-abolição (1870-1960). *Tese de Doutorado* (História). Porto Alegre: UFRGS, 2018.



\_\_\_\_\_. Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em pelotas (1820-1943). *Dissertação de Mestrado* (História). Porto Alegre: PUCRS, 2011.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs.). *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.

SILVA, Tairane Ribeiro da. Sem justiça não há paz, é escravidão: uma reflexão sobre o apagamento da população negra no relatório da comissão nacional da verdade. *Monografia* (História). Pelotas: UFPEL, 2017.

SLENES, Robert W. *Na senzala, uma flor*. Esperanças e recordações na formação da família escrava – Brasil, sudeste, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

VARGAS, Jonas Moreira. *Os barões do charque e suas fortunas*. Um estudo sobre as elites regionais brasileiras a partir de uma análise dos charqueadores de Pelotas (Rio Grande do Sul, século XIX). São Leopoldo: Oikos, 2016.

ZUBARAN, Maria Angélica. Comemorações da Liberdade: lugares de memórias negras diaspóricas. *Anos 90*. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, v. 15, n. 27, 2008, p. 161-187. <<http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6743/>> Acesso em: 10 dezembro 2017.

---

**Abstract:** This text was constructed from the theoretical influences of social history, especially from the studies of the field of emancipations and post-abolition. As a source, he uses the black newspaper *A Alvorada*, from the city of Pelotas (southern Rio Grande do Sul), published from 1907 to 1965. The black population should not under any circumstances be understood as a single homogeneous group, they do not share all of the same ideas, there are many divergences. In this sense, the purpose of the study was to seek to understand some of the meanings attributed to May 13 by some black men who were literate in dialogue with their community through the black press.

**Key words:** black press, freedom, *A Alvorada*.

---